

PROJETO UBUNTU: DESAFIOS PARA DESENVOLVER O FOMENTO À CONSCIÊNCIA NEGRA NO ENSINO MÉDIO DE UMA ESCOLA DA INDÚSTRIA

Ubuntu project: challenges to develop the promotion of black consciousness in the high school of an industrial school

Projeto ubuntu: desafios en el desarrollo de la conciencia negra en la enseñanza secundaria en una escuela industrial

Edmundo Santos Silva ¹  
Raphael Rodrigues ²  

Recebido: 12-04-2024

Aprovado: 30-06-2024

Resumo Este artigo é uma análise crítica da aplicação do Projeto Ubuntu, que foi realizado na instituição privada da indústria baiana - Escola Reitor Miguel Calmon, Salvador, Bahia, com o objetivo de refletir sobre as relações raciais enraizadas na sociedade soteropolitana. Procurou-se averiguar a eficácia de um projeto baseado na Lei 10.639/03 para fomentar a consciência negra entre estudantes do Ensino Médio da instituição através de palestras com temas relacionados ao racismo na sociedade brasileira, oficinas relacionadas a traços da cultura negra e rodas de conversa com temas visando contribuir para a formação de identidades negras positivas. O presente artigo demonstra como é necessário uma educação que valorize as contribuições dos povos africanos para nossa formação, para nossa história, como também exponha de forma positiva a cultura afro-brasileira, para que a identificação com tristeza, dor, escravização e inferioridade sejam substituídas por auto aceitação de quem somos como afro-brasileiros e de felicidade por todo legado cultural deixado pelos nossos ancestrais.

Palavras-chave: Consciência negra; Relações raciais democráticas; Representatividade.

Abstract: This article is a critical analysis of the application of the Ubuntu Project, which was carried out at the private institution of Bahian industry - Escola Reitor Miguel Calmon, Salvador, Bahia, with the aim of reflecting on racial relations rooted in Salvadoran society. We sought to investigate the effectiveness of a project based on Law 10,639/03 to promote black consciousness among high school students at the institution through lectures on themes related to racism in Brazilian society, workshops related to traits of black culture and conversation circles with themes aimed at contributing to the formation of positive black

¹ Especialista em Educação para relações étnico-raciais pelo Instituto Federal de Minas Gerais (IFMG). E-mail: edguerreiro7@gmail.com

² Doutor e Mestre em Antropologia Social pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Docente do Instituto Federal Baiano (IF Baiano). E-mail: raphael.antropologia@gmail.com

identities. This article demonstrates how necessary an education that values the contributions of African peoples to our formation, to our history, as well as positively exposes Afro-Brazilian culture, so that identification with sadness, pain, enslavement and inferiority are replaced for self-acceptance of who we are as Afro-Brazilians and happiness for all the cultural legacy left by our ancestors.

Keywords: Black consciousness; Democratic race relations; Representativeness.

Resumen: Este artículo es un análisis crítico de la aplicación del Proyecto Ubuntu en la institución privada de la industria bahiana - Escola Reitor Miguel Calmon, Salvador, Bahía, con el objetivo de reflexionar sobre las relaciones raciales arraigadas en la sociedad salvadoreña. El objetivo era comprobar la eficacia de un proyecto basado en la Ley 10.639/03 para fomentar la conciencia negra entre los alumnos de secundaria de la institución mediante conferencias sobre temas relacionados con el racismo en la sociedad brasileña, talleres relacionados con rasgos de la cultura negra y mesas redondas sobre temas destinados a contribuir a la formación de identidades negras positivas. Este artículo muestra lo necesario que es tener una educación que valore las contribuciones de los pueblos africanos a nuestra formación, a nuestra historia, así como exponer positivamente la cultura afrobrasileña, para que la identificación con la tristeza, el dolor, la esclavitud y la inferioridad sean sustituidas por la autoaceptación de lo que somos como afrobrasileños y la felicidad por todo el legado cultural dejado por nuestros antepasados.

Palabras clave: Conciencia negra; Relaciones raciales democráticas; Representatividad.

1 Introdução

Esta pesquisa teve como objetivo verificar se o projeto Ubuntu, cuja proposta foi a de valorizar a identidade e pertencimento racial dos e das estudantes, cumpriu seu papel de gerar consciência negra nas e nos participantes. Procurou-se avaliar em que medida tal projeto pode ser tomado como um exemplo para que outras propostas como essa sejam implementadas em outras instituições educacionais. Tentou-se, ainda, verificar a eficiência do projeto Ubuntu em desenvolver a história e cultura africana e afro-brasileira no Ensino Médio de uma instituição escolar baiana.

Incomodado com a aplicação limitada da Lei 10.639/03 (BRASIL, 2003)³ por muitas escolas de Salvador em que atuei, e com a forma como o dia da Consciência Negra, 20 de

³ A 11.645/08 estabelece que nas instituições de ensino fundamental e de ensino médio, públicos e privados, torna-se obrigatório o estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena (altera a Lei nº 9.394, de 20 de

novembro, geralmente é tratado - um evento isolado com a realização de atividades descontextualizadas e superficiais que reforçam estereótipos e exotizam a diversidade cultural afro-brasileira - tive a ideia, como professor, de criar um projeto de combate ao racismo através da valorização da nossa ancestralidade, do legado cultural negro para trabalhar com estudantes durante todo o ano letivo na instituição em que leciono⁴. O objetivo principal era o de contribuir com a formação discente, desenvolvendo a consciência negra, a postura de combate aos racismos estrutural e institucional, promovendo o acolhimento à diversidade étnico-racial.

Segundo Almeida (2019) o racismo institucional corresponde às instituições hegemônicas por grupos raciais que utilizam mecanismos institucionais para impor seus interesses políticos e econômicos visando manter seus privilégios na sociedade. O monopólio acontece com a criação de parâmetros discriminatórios baseados na raça, que servem para manter a supremacia do grupo racial no poder. De acordo com o mesmo autor, o racismo estrutural é um problema social que permeia a base da própria sociedade, pois sua dinâmica de funcionamento vincula-se a uma estrutura social já existente, que mantém desigualdades e violências a partir da marginalização de grupos historicamente racializados, como as populações negra e indígena. Nesse sentido, quando as instituições negam o racismo, e não se propõem a combatê-lo, contribuem para que essa estrutura social racista se perpetue.

dezembro de 1996, modificada pela Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”). Porém, na Bahia, são referenciadas as duas, pois o Movimento Negro Baiano acredita que substituir a referência à lei 10.639/03 pela 11.645/08 pode sufocar demandas importantes tanto da comunidade negra como também dos povos originários, ao passo que manter a referência às duas leis é mais adequado para atender as demandas de ambas minorias. Por compactuamos com essa perspectiva, são citadas ao longo do texto as duas leis.

⁴ Os trechos escritos em primeira pessoa e todos os relatos autobiográficos relacionados à trajetória docente presentes neste artigo dizem respeito somente a um dos dois autores, em específico, ao autor responsável pela implementação do Projeto Ubuntu - um homem negro que atua como docente na escola em que o projeto foi executado. Por conseguinte, não dizem respeito ao segundo autor - um homem branco, antropólogo, professor na rede federal de ensino e pesquisador das temáticas étnico-raciais. A co-autoria justifica-se, nesse sentido, devido à relação de orientação acadêmica estabelecida durante a pesquisa que resultou em um Trabalho de Conclusão de Curso da Especialização em Educação Para Relações Étnico Raciais do Instituto Federal de Minas Gerais, do qual este artigo é sua versão revisada e alterada após as arguições da banca examinadora e sugestões dos pareceristas.

A lei supracitada visa fomentar o respeito e a valorização da diversidade étnico-racial presente na sociedade brasileira, incentivando a edificação de uma educação antirracista e plural. Ao incluir a história e a cultura dos povos afro-brasileiros e indígenas nos currículos escolares, a lei 11.645/08 busca combater e superar o racismo, o preconceito e as desigualdades sociais existentes no Brasil. Trata-se de um importante marco legal no contexto educacional brasileiro, porque reconhece a importância de suplantando estereótipos e promover a igualdade de direitos e oportunidades para todas as pessoas, independentemente da sua raça e/ou etnia.

A cultura negra no Brasil possui uma longa e rica história que é muitas vezes negligenciada e esquecida em nossos currículos escolares e na sociedade em geral. A falta de consciência sobre a importância da cultura negra no Brasil resulta em preconceito, discriminação e marginalização da comunidade afrodescendente. Por isso é fundamental que os e as estudantes brasileiros e brasileiras sejam educados e educadas sobre a cultura e história negra para que possam entrar em contato com a diversidade cultural brasileira, compreender a importância da igualdade racial e contribuir para a construção de um país mais justo e democrático. Conforme Hall (2015), nossas identidades são cambiáveis, durante a vida temos várias identidades e quando se fala numa identidade com consciência negra para que seja desenvolvida é preciso que a Escola fomente isso na juventude. O Projeto Ubuntu tentou contribuir nesse sentido, através de rodas de conversas, palestras, cine debate e oficinas temáticas de dança-afro, capoeira, turbantes e bonecas Abayomi.

De acordo com Gramsci (1999), que traz o conceito de ideologia falsa, ou seja, um simulacro construído pela classe hegemônica para alienar os dominados, existe a necessidade de uma ideologia que mostre a realidade para os oprimidos, portanto, que seja contra hegemônica. É necessário que nós, professores e professoras, sejamos contra-hegemônicos nas nossas práticas didáticas e pedagógicas. Nesse sentido, o combate ao racismo estrutural através de práticas convergentes com a Lei 10.639/03 segue o caminho da contra-hegemonia na educação.

Como reflete Munanga (2008), na maioria dos países que sofreram a violência colonial existiu uma busca na ciência europeia, tida como referência, para explicar a situação racial em que a diversidade racial é considerada algo danoso, prejudicial e, até mesmo, identificada

como a causa maior dos problemas enfrentados pelos países que foram colônia. Isso aconteceu no Brasil nos séculos XIX e XX, porém, atualmente, o racismo gerado por essa mentalidade eurocêntrica ainda estrutura a sociedade brasileira.

Para Munanga (*ibidem*), a elite brasileira que se via branca enxergava na pluralidade racial um obstáculo para o desenvolvimento do Brasil, por isso que foi dada tanta ênfase às teorias racistas da época, porque almejava-se a construção de uma identidade nacional sem a herança negra e indígena, consideradas inferiores. Por muito tempo, a educação brasileira negligenciou a necessidade de construir outra narrativa, uma narrativa contra-hegemônica que combata o racismo que foi institucionalizado no país.

O Projeto Ubuntu nasceu de uma necessidade de contribuir no combate ao racismo e suas mazelas, através de uma educação que acolha a diversidade étnico-racial, e que não se resume a tratar da consciência negra de forma superficial, ou pior, artificial, somente em novembro no mês ou pior, somente no Dia da Consciência Negra que é 20 de Novembro em homenagem a data da morte de Zumbi dos Palmares. O nome ubuntu foi inspirado no significado dessa palavra, que tem origem no idioma kibundu.

Quando soube que ubuntu se refere a uma filosofia de vida praticada por povos de matriz bantu, houve identificação por essa filosofia que evita a competição e a ideia de que temos que ser melhores que os outros. De acordo com Cavalcante (2020), é uma prática filosófica de valorização da cooperação, da solidariedade e desejo de que todos fiquem bem tendo acesso à riqueza socialmente produzida, realizando seus sonhos de melhoria de vida econômica e socialmente e serem felizes. Pois a filosofia ubuntu traz a ideia de interconexão entre os seres humanos, a partir disso a existência humana é naturalmente uma experiência coletiva.

Ubuntu significa “eu sou, porque nós somos”, por isso é tão especial para mim. Por exemplo, quando ouvi que faço parte de uma elite pela minha formação acadêmica, isso não gerou felicidade em mim, pois o conhecimento deveria ser acessível para todos e para todas. Uma sociedade sustentada pela filosofia ubuntu tem em suas práticas a solidariedade, o respeito e a empatia como alicerces, que é como enxergamos a vida.

Gomes (2022) é uma defensora da educação como uma ferramenta fundamental para a promoção da igualdade racial e para o combate ao racismo na sociedade brasileira. Para a

autora, a identidade não se prende apenas ao nível da cultura, envolve os níveis sócio-político e histórico em cada sociedade. Portanto, é necessário uma educação que busque fortalecer uma identidade positiva, autônoma e empoderada nos afro-descendentes, educação essa que visa promover relações raciais democráticas no Brasil.

Como defende Gomes (*ib.*), pudemos testemunhar as expressões de satisfação dos estudantes e das estudantes que participaram das atividades do Projeto Ubuntu. A oficina de turbante foi um exemplo de como aqueles e aquelas jovens se sentiram felizes com os belos turbantes em suas cabeças, gerando um sentimento de estética positiva para com as suas aparências.

Segundo Almeida (2019), as instituições sociais moldam os comportamentos, logo, o combate ao racismo perpassa pela transformação das atuações dessas instituições. A Escola como instituição social das mais importantes influencia a sociedade, assim como é influenciada por ela, em uma relação dialética, e deve ser uma aliada no combate ao racismo. Para a Escola ser meio de transformação da nossa sociedade racista é preponderante haver educadores e educadoras antirracistas, lembrando que ser antirracista perpassa por não ser passivo diante de situações racistas de formas estruturais e institucionais.

Como reflete Prandi (2000), as religiões de origem negra ou de matrizes africanas que se fez na Bahia, e em outros lugares, não são somente religiões, mas também a preservação de traços culturais africanos, ou seja, que gera uma relação de pertencimento e identificação contribuindo para o desenvolvimento da consciência negra. Logo, o currículo escolar deve contribuir para fomentar a diversidade e o combate à intolerância religiosa, compreendendo as religiões de matrizes africanas como expressões do sagrado dignas de respeito.

Faz-se necessário que os educadores e as educadoras estejam comprometidos com a valorização da diversidade cultural, independentemente de suas crenças pessoais. Historicamente, a demonização das religiões de matrizes africanas pelos colonizadores foi

uma forma de desumanizar a população negra para, com isso, justificar a sua escravização, por exemplo. Ocorre que, na atualidade, diversas formas de violência ainda se fazem presentes a partir da subalternização da população negra e tratamento preconceituoso das suas expressões culturais.

A problemática central desta pesquisa foi a elaboração de uma reflexão crítica sobre o Projeto Ubuntu, que visou o fortalecimento da temática étnico-racial, em especial, da história africana e afro-brasileira. Pretendemos refletir sobre a eficácia do desenvolvimento de oficinas, rodas de conversas, palestras e cine-debate desenvolvidos com estudantes como estratégias para a implementação da Lei 10.639/03 (BRASIL, 2003) no Ensino Médio.

O objetivo geral deste artigo é o de verificar se os e as estudantes desenvolveram consciência negra para ressignificar suas auto-imagens, compreendendo que a percepção negativa de suas características fenotípicas é uma consequência perversa do racismo estrutural. Nesse sentido, nossa hipótese foi a de que a partir da valorização do legado cultural africano e do conhecimento da riqueza cultural afro-brasileira, os e as estudantes poderiam compreender seus corpos a partir das potências que os constituem e não a partir das dores decorrentes da violência, histórica e contemporânea, para com a população negra.

Como objetivos específicos organizamos o estudo da seguinte forma: analisar se o Projeto Ubuntu contribuiu para os e as estudantes construírem identidades positivas sobre si; verificar se houve a eficácia do projeto para os e as participantes contribuírem para construção de relações raciais democráticas e empáticas como cidadãos autônomos e cidadãs autônomas; observar se o projeto com foco na Lei 10.639/03 contribuiu para que os e as discentes valorizassem a história e cultura africana e afro-brasileira.

2 Consciência negra X visão deformada sobre si

Na minha infância e na adolescência, as escolas não tinham conteúdos, nem disciplinas voltadas para a história e as culturas africanas, afro-brasileiras e indígenas. O combate ao racismo não era citado nem mesmo nas aulas dos componentes curriculares das Ciências Humanas.

A primeira vez que tive contato com assuntos voltados para história e cultura africana e afro-brasileira foi quando estudei no curso Pré-Vestibular do Instituto Cultural Steve Biko, mantido por pessoas do movimento negro baiano na época. A Steve Biko tem por objetivo fomentar a entrada de pessoas pardas e pretas nas universidades e também patrocinar o

desenvolvimento de consciência negra através de disciplinas de Formação Política e Consciência Negra.

Naquele ano de 2002, não passei no vestibular, porém as aulas da Biko, como carinhosamente chamamos, contribuíram profundamente para que desenvolvesse uma auto aceitação das minhas características físicas, para entender que pessoas negras não são inferiores às pessoas brancas. A Steve Biko foi muito importante por tudo que citei acima para que acreditasse que tinha potencial e que poderia passar no vestibular da principal universidade da Bahia, ou seja, havia ocorrido o desenvolvimento da consciência negra.

A elite racista foi muito eficaz em fazer que acreditássemos que éramos inferiores, pois, como relatou Nascimento (2019), parece haver um crime cometido no mundo, que é ser negro, e os africanos e seus descendentes sofreram e sofrem pela aparência física e traços culturais. Escrevendo este texto lembrei que descobri a negritude aos seis anos de idade sofrendo “brincadeiras” racistas, que causavam-me tristeza. Portanto, creio que trabalhos educacionais como o que o Instituto Cultural Steve Biko fez conosco, numa época que nem se falava publicamente em ensino da história e cultura africana e afro-brasileira, foi bastante significativo para quebrar a visão deformada que tinha de mim, com um forte estranhamento da minha aparência, que fazia com que evitasse me olhar no espelho. Por isso, quando foi aprovada a Lei 10.639/03, que dizia que as escolas brasileiras públicas e privadas deveriam ter em seus currículos o ensino da história e cultura afro-brasileira e africana, fiquei bastante feliz.

2.1 Educação contra-hegemônica

O Projeto Ubuntu nasceu de uma inquietude perante o descaso das escolas de Salvador com as Leis 10.639/03, que afirma, que nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, públicos e privados torna-se obrigatório o ensino da História e Cultura Afro-Brasileira e 11.645/08, que estabelece que nas instituições de educação do Ensino Fundamental e do Ensino Médio das educações pública e privada torna-se obrigatório o ensino da História e Cultura Afro-brasileira e Indígena. Pois ficou explícito, com a negligência das escolas, que não basta existirem leis importantes quanto essas, é emergencial que tenhamos profissionais da educação que sejam contra- hegemônicos e que sejam

sensibilizados com a necessidade de uma educação antirracista, que vise promover relações raciais equitativas.

Percebe-se também a necessidade de fomento, fiscalização e reivindicação junto aos poderes públicos para que as referidas leis sejam colocadas em prática. Pois antes de punir é necessário educar esses profissionais para uma educação que combata a supremacia racial branca que é latente na sociedade brasileira. Como observou Almeida (2019), a própria Unesco reconheceu que a maior parte dos países latino-americanos negligenciou cursos sobre as culturas negras, visando menosprezar e isolar a África da vida universal. No Brasil, durante séculos até ser criada a Lei 10.639/03, negou-se estudos a respeito das culturas africanas nas escolas brasileiras em qualquer nível e grau escolar. Portanto, hoje que temos uma lei importante sobre a história e cultura africana e afro-brasileira é necessário que desde as universidades e em todas as modalidades e níveis educacionais ela seja contemplada nesses currículos. Este é o caminho para construir realmente uma educação contra-hegemônica no Brasil.⁵

2.2 O currículo escolar é um posicionamento político

Os anos foram passando, nos anos de 2006, 2007 e 2008 trabalhei em uma escola da rede privada. Em 2007, como professor substituto na rede estadual, em 2009, em outra escola particular. Passei no REDA - Regime Especial de Direito Administrativo - para a rede pública estadual da Bahia, em maio de 2009, trabalhei quatro anos nesta condição e ficava a cada ano incomodado pela Lei 10.639/03 não ser aplicada nas escolas de Salvador que trabalhava. Quando a Lei foi aprovada, acreditei que sua aplicabilidade diminuiria o racismo no país, mas não conseguia obter informações sobre a existência de algum projeto que contribuía para colocar a Lei em prática.

⁵ O projeto atingiu cerca de 300 estudantes da instituição; as atividades aconteciam uma vez por mês, por aproximadamente três horas, nos turnos matutino e vespertino para os estudantes poderem participar no turno oposto ao das suas aulas regulares. O acesso às atividades se dava por inscrição para ser algo espontâneo. Realizei as entrevistas com 5 (cinco) estudantes, porque foi o possível de acordo com a dinâmica da instituição e de suas vidas privadas, escolhi estudantes assíduos e assíduas na participação das atividades do projeto para participarem da pesquisa.

Entre os anos de 2011 a 2015, tive a feliz experiência de avaliar na prática a eficácia da referida lei, quando fui professor da Escola Olodum ligada ao Bloco Afro Olodum e ao Movimento Negro de Salvador. Na Escola Olodum, trabalhando um currículo voltado para a construção de uma cidadania autônoma, patrocínio da construção de identidades positivas, formação para serem líderes nas suas comunidades e na sociedade em crianças e adolescentes da escola, vi a diferença no que tange a consciência negra dos/das jovens negros da Escola Olodum em relação aos/as jovens das outras instituições públicas e privadas que trabalhei na mesma época.

Em 2013, fui trabalhar numa escola onde sempre incluí no currículo prático conteúdos voltados para história e cultura negra brasileira (muitas vezes de forma não oficial) e ficava a frente com meus pares contra-hegemônicos em eventos voltados para o mês da Consciência Negra. Porém, o incômodo continuava em mim, pois não era o que eu desejava, mas era o que era possível.

Em 2019, mudei de instituição, mas dentro da mesma rede de escolas da indústria. Em dezembro de 2021, conversando com a diretora, sugerimos o desenvolvimento do projeto Ubuntu. Com o projeto estruturado, apresentei à direção, que o aprovou. Durante todo o ano de 2022, coloquei-o em prática com mais duas colegas. No ano de 2023, estive à frente pela primeira vez da disciplina recém nascida na escola: História e Cultura Africana, Afro-brasileira e Indígena. Entretanto, esse componente curricular só é oferecido na primeira série do Ensino Médio.

O Projeto Ubuntu foi um sucesso entre os e as estudantes, porque a cada palestra, oficina, roda de conversas e cine debate, ficava validado pelas falas dos e das estudantes que demonstraram que estavam desenvolvendo auto aceitação, visões positivas sobre si, ressignificação de suas imagens como pessoas negras, identificação com a história e cultura negras, consciência da necessidade de se colocarem contra a opressão sofrida pelas pessoas negras. As devolutivas positivas também vinham das e dos estudantes brancos, o que é importante, pois o antirracismo deve ser vivenciado por toda a sociedade. Entretanto, foi perceptível a falta de sensibilidade, a falta de empatia e incômodo de muitos docentes com o projeto.

De acordo com Freire (2005), o currículo não é neutro, porque é definido por interesses políticos-ideológicos que vão guiar a forma como o conhecimento é transmitido e o que é transmitido para os educandos. O Projeto Ubuntu foi criado com uma intencionalidade pedagógica de uma educação antirracista, pois a escola é um campo de luta cultural importante na luta contra a opressão propagada pelo racismo.

Foi programado um desfile entre estudantes, professores e profissionais de diversos setores da escola - da limpeza ao administrativo - que seria a culminância do projeto, entretanto a escola barrou o desfile, alegando que o motivo foi uma briga entre estudantes que aconteceu duas semanas antes da data agendada para a atividade. A falta de apoio institucional foi tão limitante que chegou ao ponto de eu e outros professores custear os gastos do evento.

A maior falta de auxílio foi na logística para o acontecimento das ações do projeto. Mesmo convocando representantes da coordenação, com a troca de coordenadora, como citei acima, não compareciam. Existiram momentos em que tivemos dificuldade com público para as ações pela falta de apoio institucional e do corpo docente, devido a isso era necessário solicitar dos colegas que liberassem suas turmas para as ações. Apesar de todas essas dificuldades, mantive a proposta de avaliar os impactos do Projeto Ubuntu na vida dos e das estudantes, como irei demonstrar a partir da próxima seção.

2.3 Ubuntu e os caminhos da nossa pesquisa

Esta pesquisa utilizou o método de análise qualitativa (BAUER, 2008) para verificar, a partir de aplicação de questionário e realização de rodas de conversas com alguns estudantes, de quais formas o Projeto Ubuntu contribuiu para a compreensão dos processos sócio-históricos do racismo estrutural e, em que medida, houve tomada de consciência, pertencimento racial e identidade positiva sobre si. O objeto de análise desta investigação, como já citado, foi um Projeto de Ensino concluído, o que nos permitiu tomá-lo como um estudo de caso, que suscita questões a serem analisadas a partir de um fenômeno contemporâneo penetrando em seu contexto, o que, por sua vez, possibilitou executar um “procedimento racional e sistemático que tem como objetivo responder aos problemas propostos” (GIL, 2007, p. 17).

Os formulários aplicados possuíam questões abertas e fechadas, com uma pontuação estabelecida para verificar o que foi ou não atingido nas ações desenvolvidas pelo projeto. Já as rodas de conversa foram realizadas com um grupo de 5 (cinco) estudantes que se dispuseram a participar da pesquisa de forma voluntária. Para verificarmos em que medida o Projeto Ubuntu alcançou os resultados esperados, as questões presentes no formulário foram:

1. O projeto contribuiu para você desenvolver consciência negra?
2. O projeto Ubuntu contribuiu para você construir uma identidade positiva sobre você ou seja para você se enxergar de forma positiva?
3. Você passou a ter um olhar de acolhimento com os iguais a você?
4. Você acredita que os estudantes passaram a se enxergar de forma positiva depois de participarem das oficinas do projeto?
5. O projeto influenciou alguma mudança na sua vida?
6. O que o projeto significou para você?
7. Qual a importância de ter participado das atividades do Projeto Ubuntu em sua vida?
8. O que mudou na sua vida participando das ações do projeto Ubuntu?
9. Quanto o projeto lhe ajudou a entender o racismo estrutural?
10. Qual é a importância de continuar existindo o Projeto Ubuntu na escola?

As perguntas acima foram realizadas com um grupo de cinco estudantes entre os participantes das atividades do projeto na faixa etária entre 15 e 17 anos da primeira, da segunda e da terceira série do Ensino Médio. Foram utilizados os seguintes nomes fictícios em iorubá para preservar as identidades dos sujeitos da pesquisa: Abeo, Abeje, Taju, Enitan, Ayo.

Como resultado desta pesquisa verificou-se que dos 5 (cinco) estudantes, 4 (quatro) relataram que o projeto os auxiliou no processo de desenvolvimento da consciência negra (pergunta 1). Essas respostas demonstram como é importante um projeto nessa temática para provocar uma reflexão crítica e uma tomada de consciência sobre si, sobre o outro e a configuração social que vivemos, pois a reflexão e o debate a respeito de temas como o racismo ajuda a mudar identidades e quebrar o estranhamento sobre si que o sofrimento

proporcionado pelo racismo causa. O que vai dialogar com teoria de Gramsci (1999), sobre uma educação contra hegemonia, porque a tomada de consciência promovida por ela não se limita somente à compreensão das condições sociais e raciais, mas visa à transformação social, essa transformação também é interna, a respeito de como os estudantes se viam e passavam a se ver com as ações do Projeto Ubuntu.

Foi possível perceber que entre os estudantes pesquisados 4 (quatro) deles passaram a se enxergar de forma mais positiva após as atividades propostas no projeto (pergunta 2), isso mostra um impacto muito significativo na percepção sobre si mesmo destes adolescentes. Dois estudantes afirmaram ter buscado desenvolver um olhar de acolhimento com os iguais a si e 3 (três) acreditam que desenvolveram esse olhar (pergunta 3), isso demonstra não só um olhar piedoso sobre seus semelhantes, como também como querem ser tratados.

Todos e todas os e as cinco estudantes acreditam que os e as estudantes passaram a se enxergar de forma positiva depois de participarem das oficinas do projeto (pergunta 4), pela forma que passaram a arrumar e soltar os cabelos, como também com uma postura de empoderamento. Como argumenta Hooks (2017), a educação deve ser uma prática libertadora, que capacita os indivíduos a pensarem criticamente sobre as estruturas de poder e a agirem para mudar essas estruturas. Foi nessa perspectiva que foi buscado alcançar os resultados obtidos. Pois a autora, questiona e critica o sistema educacional dominante, que muitas vezes perpetua desigualdades raciais ao negligenciar a diversidade cultural e ao impor padrões eurocêntricos.

Foi importante constatar que todos e todas afirmaram que o projeto influenciou alguma mudança na sua vida para entender melhor a realidade que vivem (pergunta 5). Também foi significativo saber que o projeto significou conscientização, um porto seguro, acolhimento, compartilhamento e acesso a assuntos importantes para os sujeitos da pesquisa (pergunta 6). Como analisa Nascimento (2019), em um contexto de discriminação racial e exclusão social, o quilombismo oferece um refúgio onde a identidade e a dignidade negras são respeitadas e valorizadas. O projeto Ubuntu também foi um espaço educativo de construção e fortalecimento de identidades negras, contribuindo para construções subjetivas de aceitação de si. Acreditamos que atividades, espaços e projetos como o relatado neste artigo representam a reafirmação da herança cultural africana e afro-brasileira, através de

ações que geram afirmação identitária resgatando e valorizando a história e a cultura negra no Brasil.

Todos e todas os e as cinco estudantes afirmaram ter sido importante ter participado das atividades do Projeto Ubuntu (pergunta 7). Três (3) dos pesquisados afirmaram que houve mudanças em suas vidas a partir da participação nas ações do projeto (pergunta 8). Todos e todas afirmaram que foram ajudados/as a entender o racismo estrutural participando das atividades do Projeto Ubuntu (pergunta 9). Todos e todas os e as sujeitos da pesquisa viram como necessário continuar existindo o Projeto Ubuntu na escola (pergunta 10). Essas respostas reforça o que argumenta Munanga (2008), de que é necessário a inclusão de uma perspectiva antirracista nos currículos educacionais, tanto através de componentes curriculares, como também por meio de projetos que fomentem o antirracismo que incentivem o diálogo intercultural e a valorização da diversidade racial.

As oficinas temáticas, como foi citado acima, foram de dança-afro; capoeira; turbantes e bonecas Abayomi, que visavam fomentar um olhar carinhoso sobre si mesmos e de empatia com as outras pessoas. Foram utilizadas atividades práticas relacionadas com a cultura negra, como na de bonecas abayomi que os estudantes foram ensinados a fazer, na oficina de dança que observavam os movimentos corporais e depois faziam e na de capoeira que observavam e depois faziam os movimentos dos golpes e da ginga.

Segundo Almeida (2019), a valorização da cultura negra ajuda a desfazer estereótipos raciais e preconceitos enraizados na sociedade brasileira, através da promoção de uma imagem positiva e diversificada dos legados culturais negros. Dessa forma, pode-se confrontar e superar narrativas discriminatórias e estigmatizantes, que foi o que o projeto em seu um ano letivo de percurso se propôs a fazer.

Parecem mágicos os efeitos, entretanto, é a demonstração de que problemas sociais como o racismo quando são trabalhados pela escola podem contribuir para uma sociedade menos injusta e preconceituosa. Se um indivíduo não é levado a refletir a propósito de suas ações consigo e com os outros é muito difícil mudar de postura.

Um dos objetivos do projeto era construir junto aos e as participantes um olhar de acolhimento sobre si e para com os iguais a si. Durante a pesquisa foi possível perceber nos sujeitos que alcançamos esse propósito, como é percebido na fala de uma das estudantes:

“[...] é necessário ter projetos com assuntos relacionados para trazer um letramento racial quebrando muitos preconceitos presentes nos alunos” (Ayo).

Como argumenta Hall (2014), a construção da identidade pode envolver a negociação entre diferentes culturas, valores e experiências, o acolhimento de si, dos parecidos consigo e também dos diferentes de si, visando combater esteriótipos e estigmas, porque a identidade não é pré-determinada, é construída através de processos sociais, culturais e históricos. Se o indivíduo se enxerga de forma positiva e o outro também como positivo na diferença, ou seja, no direito a diversidade, vai contribuir para uma sociedade antirracista. Pois como observa Hall (2015), a identidade é moldada pelas interações e experiências individuais e coletivas ao longo do tempo.

2.4 Racismo institucional X educação para a diversidade cultural

Como argumenta Almeida (2019), o racismo no Brasil não é um problema individual, pois é institucionalizado. Estando presente nas instituições sociais, viola direitos básicos e nega oportunidades para as pessoas negras, afetando inclusive os direitos constitucionais do povo negro. Políticas públicas são necessárias para que esses erros históricos sejam corrigidos, e a educação é um meio de fomentar o acolhimento às diversidades raciais e étnicas visando construir com uma sociedade antirracista.

As respostas da pesquisa demonstram que valeu a pena, que foi bastante importante o esforço para pôr em práticas as ações do Projeto Ubuntu, foi gratificante perceber as expressões faciais nos rostos dos e das discentes e ler suas respostas, pois educação é um processo de construção cultural que gera frutos positivos ou negativos de acordo com o que é cultivado.

Durante o processo, foi importante entender o que o projeto significou para os adolescentes pesquisados, estas foram algumas das falas:

Abeo:

É necessário que haja essa conscientização, que pessoas pretas se sintam confortáveis em um ambiente de iguais e também de pessoas de outras etnias, visto que ter essa ciência é extremamente necessário para que nos tornemos a melhor versão de nós mesmos futuramente (Abeo, nome fictício, em roda de conversa realizada pelo autor, em 2023).

Abeje: “Para mim o Projeto Ubuntu foi acolhimento.”

Abeo: “Trouxe assuntos importantes para serem debatidos, como a cultura dos turbantes.”

Taju: “ Foi um projeto para as pessoas se abrirem e encontrarem um porto seguro”.

Enitan:

O projeto Ubuntu teve uma grande importância na minha vida, em especial, na questão da consciência de classe/raça/gênero, visto que o mesmo sempre trazia personalidades para palestrar sobre esses temas. Sou branco, o projeto me ajudou a tomar consciência de questões de raça, gênero e classe, que eu não tinha (Enitan, nome fictício, em roda de conversa realizada pelo autor, em 2023).

Ayo afirmou:

O projeto deve continuar existindo pois há a necessidade de reconhecimento dos estudantes e dos colaboradores da instituição, não apenas no dia 20 de novembro, mas durante ano letivo todo, nós existimos durante o ano inteiro, não somente em novembro, então ações na escola se fazem mais que urgentes, sem falar que é maravilhoso ver tanta negritude por essa escola. (Ayo, nome fictício, em roda de conversa realizada pelo autor, em 2023)

Realizei um segundo encontro com os e as estudantes visando ter mais dados fidedignos. Perguntei sobre a importância do projeto Ubuntu para eles:

Para Ayo:

Foi muito importante aprender coisas que não sabia, foi importante para aprender sobre nossa ancestralidade. Desabafei e chorei sobre o racismo que sofri com uma palestrante [pausa] O Projeto Ubuntu é importante porque a Escola não dá importância a diversidade, as palestras e oficinas valorizaram nossa cultura, muitas pessoas se sentem acolhidas pela dança e pela capoeira, porque forma uma família (Ayo, nome fictício, em roda de conversa realizada pelo autor, em 2023).

Já Abeo disse: “Compartilhar em casa o que foi conversado aqui, levar informações”.

Para Taju:

Trouxe conhecimentos diversos sobre a sociedade africana no geral. E as dificuldades que a sociedade afro-brasileira vem enfrentando. Durante o desenvolvimento pude analisar situações que aconteceram com outros jovens da escola, além de relatar o que eu vivenciei.” “Além de nos fazer pensar, serviu como abrigo para aqueles que não se sentiam confortáveis ou que estavam passando por situações de fragilidade ou sensibilização sobre casos de racismo, que respectivamente sofreram ou notaram em alguma relação. (Taju, nome fictício, em roda de conversa realizada pelo autor, em 2023).

Para Abeje:

O Projeto Ubuntu mudou em mim e na minha casa, falavam palavras ofensivas que eu não sabia que eram ofensivas/ racistas. Conversei em casa com minhas avós e mãe sobre as palavras racistas e isso mudou, elas têm mais cuidado ao falar.

Minha mãe é branca e falava muitas coisas racistas. Meu pai que é negro”. (Abeje, nome fictício, em roda de conversa realizada pelo autor, em 2023)

Abeo: “Aprendi a fazer turbante e boneca abayomi”

Taju:

As temáticas trouxeram uma realidade atual, pois existem pensamentos que são impostos por conta do racismo enraizado. Durante o cine debate, com o filme Medida Provisória, foi possível notar que há uma discrepância em relação ao status social destinado para pessoas negras em comparação ao que é destinado para pessoas brancas, porque na visão da elite branca, uma pessoa negro não pode alcançar uma posição social igual ou maior que uma pessoa branca.” “Limitam o desempenho intelectual, principalmente de jovens negros e periféricos, pois são reduzidas as oportunidades e os mesmos só veem a possibilidade para vencer na vida através de algo que é delimitado pela elite econômica. (Taju, nome fictício, em roda de conversa realizada pelo autor, em 2023).

Dois (2) sujeitos pesquisados falaram um pouco das suas histórias de vida:

Abeo:

Eu nasci em uma família afro centrada principalmente do lado do meu pai, a minha família paterna principalmente a partir do meu avô que era bastante estudioso, ele fez faculdade de geografia e também ele fazia parte da SPD que é a sociedade protetora dos desvalidos que por muito tempo durante o Brasil escravocrata ela comprava carta alforria para os escravizados. Eu sempre cresci em um ambiente que o letramento racial era pautado, desde a minha infância. A maioria dos espaços que eu tive era em espaços brancos, então meus pais e minha família sempre fizeram questão de que tivesse contato com questões raciais, tanto na minha família paterna e quanto na materna têm profissões na área de educação como: pedagogos, professores de geografia e história. Meu pai é industrial e não seguiu a área da educação e minha mãe era pedagoga. O letramento e a educação que eu recebi de meus pais e da minha família em geral foi e é muito importante para minha formação na minha vida social. Eu tenho lembranças por exemplo de ir para palestras e passeatas do movimento negro na minha infância em que eu ia com meus pais e minha irmã, memórias também de brinquedos e livros que eu sempre ganhava dos meus familiares que abordavam assuntos super positivos em relação a minha ancestralidade. Pautas trazidas no projeto Ubuntu são muito importantes para a vida social de qualquer pessoa, principalmente vivendo em Salvador que é a cidade mais

negra fora da África. (Abeo, nome fictício, em roda de conversa realizada pelo autor, em 2023).

Enitan:

Minha família - tanto parte de mãe, como parte de pai- é de interior (Coração de Maria-BA). Apesar de alguns permanecerem lá, a maioria mora em Salvador, minha mãe, eu, meu pai, e meu irmão atualmente moramos em Cajazeiras num bairro periférico de Salvador. Na verdade, a minha família é bem diversa, eu diria que são metade negros (as) e metade brancos (as), sou socialmente branco. Com relação à escolaridade, eu só sei alguns por parte de mãe, no caso minha mãe tem até superior, 1 ou 2 tias a mesma coisa, e os outros ou é até o ensino médio ou

fundamental II (Enitan, nome fictício, em roda de conversa realizada pelo autor, em 2023).

Percebi uma resistência dos sujeitos da pesquisa em exporem suas histórias de vida, por isso respeitei e não insisti mais para que os outros (3) três falassem. Fiz a pesquisa visando verificar se o projeto foi significativo para os e as estudantes e se estava certo na minha crença de um projeto como este ser importante no fomento à consciência negra. Escolhi nomes fictícios iorubás pela ligação histórica, étnica e cultural dos povos iorubás com a Bahia.

Seguem abaixo fotos de algumas das atividades realizadas no Projeto Ubuntu:



Imagem 1: Resenha Preta com a participação da professora Dr. Bárbara Carine da UFBA para conversamos com os e as estudantes sobre negro/as na ciência, realizada em 2022 (Foto do autor).

A oficina com a professora Dr. Bárbara Carine foi realizada como uma atividade do Projeto Ubuntu através de um convite meu, pois ela é uma referência positiva como mulher e intelectual negra para as jovens e os jovens de Salvador.



Imagens 2, 3 e 4: Oficina de boneca Abayomi com a ministração da professora Jaciara, realizada em 2022. Foi um dia bastante lúdico de contato dos e das docentes com esse traço da cultura negra de forma teórica e prática (Fotos do autor).



Imagem 5: Oficina de capoeira, realizada em 2022, com o convidado o mestre de capoeira e professor de educação física Leonardo Guerreiro com aulas práticas e explicação sobre a história da capoeira (Foto do autor).

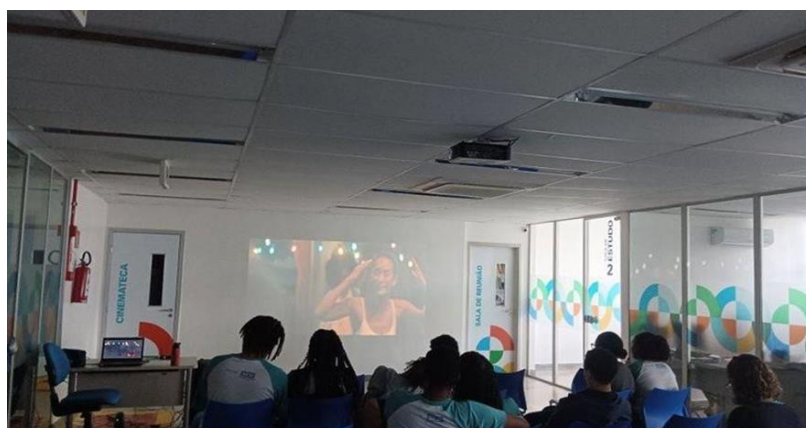


Imagem 6: *Cine debate com pipoca* sobre o filme *Medida Provisória* de Lázaro Ramos, realizado em 2022, foi uma tarde de bastante desabafo dos/as estudantes/as (Foto do autor).

3 Considerações Finais

Durante a pesquisa foi gratificante verificar como um projeto de fomento à consciência negra através da auto aceitação, auto valorização, assim como, de valorização e aceitação das pessoas com características físicas e culturais próximas ou diferentes das dos sujeitos pesquisados alcançou o resultado esperado.

Foi importante observar tanto durante as ações do projeto como resenha preta, cine debate, palestras, oficinas como as supracitadas, etc. como através da pesquisa o

desenvolvimento da consciência negra em alguns e o fortalecimento dela em outros indivíduos. Percebeu-se como uma educação antirracista é emergencial para que a sociedade acolha a diversidade étnico-racial. Cada pergunta do porquê o projeto ter acabado, cada afirmação de que o Projeto Ubuntu faz falta e de como é necessário projetos assim faz com que sintamos que estamos indo no caminho do aquilombamento no sentido de autocuidado, de protagonismo de nossas próprias vidas, associado à criação de espaços coletivos de pertencimento, afetividade, acolhimento, sociabilidade, fortalecimento de laços, de memórias e de identidade cultural para a população negra. Como diz Souto, “aquilombar-se é o ato de assumir uma posição de resistência contra-hegemônica a partir de um corpo político” (SOUTO, 2020, p.141).

Acreditamos que não existe a possibilidade de uma educação significativa se ela não for contra-hegemônica de acordo com o pensamento de Gramsci (1999), como já citado anteriormente neste artigo. Pois uma educação antirracista, é uma educação contra hegemônica, porque vai no sentido contrário do padrão branco e eurocêntrico construído historicamente no Brasil.

A pesquisa demonstrou que a escola é reflexo da sociedade e a sociedade é reflexo da escola, numa relação dialética. A construção de uma sociedade menos racista e não opressiva com a população negra brasileira perpassa por debater e combater o racismo, expor as diversas expressões da cultura negra e fomentar a valorização dos traços fenotípicos das pessoas negras dentro dos muros da Escola.

Muitos estudantes da instituição questionaram sobre o fato de o Projeto Ubuntu ter sido descontinuado. No início do ano de 2023, pediram uma reunião com a direção para solicitar a volta do projeto, foi afirmado que retornaria, mas até o presente momento nada foi realizado e não deixaram espaço na carga horária docente para uma dedicação semanal mínima ao projeto.

Mesmo diante de todas as adversidades para efetivar as ações do Projeto Ubuntu, apesar de todo o desgaste emocional e físico, causado por entraves como falta de apoio financeiro; falta de empatia com a causa e, conseqüentemente, com os negros e as negras; críticas; invisibilidade por parte de outros educadores e falta de apoio logístico, sentimos que valeu a pena, porque foi significativo para os e as estudantes que participaram.

Demonstrando que um projeto como este é sim partidário, porém não da política partidária institucionalizada no país e sim do partido do combate ao racismo, do acolhimento à diversidade étnicoracial, do acolhimento à subjetividade humana com seus anseios, desejo, inquietações e aspirações de ter direito de ser quem se é, o direito à diversidade que é típico do ser humano, o que torna o mundo e as sociedades mais ricas pela pluralidade.

4 Referências

ALMEIDA, Sílvio Luiz de. **Racismo estrutural**. São Paulo: Polén, 2019.

BAUER, Martin W. e GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**. Um manual prático. 7ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

BRASIL. Lei nº 10.639. de 09 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.639/L10639>. Acesso em 08/08/2023.

BRASIL. Lei nº 11.645, de 10 de março de 2008. Dispõe a respeito da inclusão da temática "História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena" nos currículos escolares do ensino fundamental e médio, tanto da rede pública quanto da rede privada. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2008/Lei/L11645.htm>. Acesso em: 11 de julho de 2023.

CAVALCANTE, Kellison Lima. Fundamentos da filosofia Ubuntu: afroperspectivas e o humanismo africano. **Revista Semiárido De Visu**, Petrolina, v. 8, n. 2, p. 184-192, 2020.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 42. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

GIL, Antônio. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 4. ed. São Paulo: Editora Atlas, 2007.

GRAMSCI, A. **Cadernos do Cárcere**. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 1999 Volume 1. Tradução e edição de Carlos Nelson Coutinho.

GOMES, Nilma Lino. **Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão**. Disponível em: Nilma Lino <https://www.geledes.org.br/wp-content/uploads/2017/03/Alguns-termos-e-conceitos->

presentes-no-debate-sobre-Rela%C3%A7%C3%B5es-Raciais-no-Brasil-uma-breve-discuss%C3%A3o.pdf. Acesso em 24/08/2022.

HALL, Stuart. Quem precisa da identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Identidade e diferença: A perspectiva dos Estudos Culturais**. 15. ed.- Petrópolis, RJ: Vozes, 2014. p. 103-130.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro (trad.). 12ª ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2015.

HOOKS, Bell. **Ensinando a Transgredir: A Educação como Prática da Liberdade**. Tradução: Marcelo Brandão Cipolla. 2 ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2017.

MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a Mestiçagem no Brasil: Identidade nacional versus Identidade negra**. Coleção Cultura Negra e Identidades. Belo horizonte: Autêntica, 2008.

NASCIMENTO, Abdias. **O Quilombismo**. São Paulo: Perspectiva, 2019.

PRANDI, Reginaldo. De africano a afro-brasileiro: etnia, identidade, religião. **Revista USP**, São Paulo, n.46, p. 52 - 65, junho/ agosto 2000.

SOUTO. Stéfane. Aquilombar-se: insurgências negras na gestão cultural contemporânea. **Revista Metamorfose**, vol. 4, nº 4, págs. 133-144, 2020.